

LINGUAGEM NÃO-BINÁRIA, PARA QUE TE QUERO?

LENGUAJE NO BINARIO, ¿POR QUÉ TE QUIERO?

NON-BINARY LANGUAGE, WHAT DO I WANT YOU FOR?

Enilda Valéria Gomes Marinho*

Iran Ferreira de Melo**

Universidade Federal Rural de Pernambuco

RESUMO: O medo do uso da linguagem não-binária foi problematizado neste artigo. Questionamos as (in)visibilidades e também as (r)existências dos diversos modos de construção discursiva de gênero através de uma visão não dualista e crítica das estruturas sociais cis-heteronormativas. A abordagem escolhida foi baseada no arcabouço teórico-metodológico da interface entre Estudos Queer e estudos da linguagem (Bagno, 2012; Butler, 2003, 2004, 2007; Preciado, 2014), permitindo desvelar processos sociais numa perspectiva não essencialista das identidades. A metodologia utilizada foi a pesquisa qualitativa levando em consideração os fatos sociais, culturais e linguísticos. Consideramos que a língua é um fenômeno cultural cuja dinâmica social é que determina a criação, permanência e extinção de uma forma linguística. O ataque ou o riso, produzidos pelo estranhamento denotado por quem demonstrou repulsa ou desdém ao uso dessa linguagem disruptiva não é meramente uma questão linguística, uma suposta proteção à língua, mas sobretudo a não aceitação de uma gramática social, diversa e fluida. As expressões usadas para referenciar pessoas que destoam da genericidade dicotómica causa fobia por incluir um contingente de pessoas historicamente silenciadas e marginalizadas em diversos campos sociais, nos quais o binarismo opera como sendo natural e inquestionável. Nosso percurso, neste artigo, é trazer o resultado da escuta atenta das experiências das usuárias da linguagem não-binária para uma melhor compreensão do fenômeno à luz de um pensamento crítico-reflexivo de uma epistemologia da pele.

PALAVRAS-CHAVE: Linguagem não-binária. Disrupção de gênero. LGBTQIAP+fobia.

RESUMEN: En este artículo se problematizó el miedo a utilizar lenguaje no binario. Cuestionamos las (in)visibilidades y también las (r)existencias de los diferentes modos de construcción discursiva de género a través de una visión no dualista y crítica de las estructuras sociales cis heteronormativas. El enfoque elegido se basó en el marco teórico-metodológico de la interface entre los Estudios Queer y los estudios de la lengua (BAGNO, 2012; BUTLER, 2003, 2004, PRECIADO, 2014), permitiendo develar los procesos sociales desde una perspectiva no esencialista de las identidades. La metodología utilizada fue la investigación cualitativa teniendo en cuenta hechos sociales, culturales y lingüísticos. Consideramos que la lengua es un fenómeno cultural cuyas dinámicas sociales determinan la creación, permanencia y extinción de una forma lingüística. El ataque o risa, producido por el extrañamiento que denota quienes demostraron repulsión o desprecio hacia el uso de esta lengua disruptiva, no es meramente una cuestión lingüística, una supuesta protección de la lengua, sino sobre todo la no aceptación de una Gramática social, diversa y fluida. Las expresiones utilizadas para referirse a personas que no están de acuerdo con el género dicotómico causan fobia porque incluyen un

* Cursando a especialização em linguística aplicada e ensino de Língua Portuguesa pelo Centro Universitário Frassineti do Recife (UniFAFIRE). Professora particular e despachante aduaneira. E-mail: valeriagmarinho3@hotmail.com.br.

** Doutor em Linguística (USP). Professor de Linguística Queer, Análise Crítica do Discurso e Educação em Direitos Humanos (UFRPE/UFPE). Coordenador do Núcleo de Estudos Queer e Decoloniais (NuQueer) e do Observatório Brasileiro da Linguagem Inclusiva de Gênero. Docente do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (Progel-UFRPE) e do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL-UFPE). E-mail: iranmelo@hotmail.com.

contingente de personas que han sido históricamente silenciadas y marginadas en diferentes campos sociales, en los que el binarismo opera como algo natural e incuestionable. Nuestro camino en este artículo es traer el resultado de la escucha atenta a las experiencias de los usuarios del lenguaje no binario para una mejor comprensión del fenómeno a la luz de un pensamiento crítico-reflexivo de una epistemología de la piel.

PALABRAS CLAVE: Lenguaje no binario. Disrupción de género. Fobia LGBTQIAP+.

ABSTRACT: The fear of using non-binary language was problematized in this article. We question the (in)visibilities and also the (r)existences of the different modes of discursive construction of gender through a non-dualist and critical view of cisheteronormative social structures. The chosen approach was based on the theoretical-methodological framework of the interface between Queer Studies and language studies (BAGNO, 2012; BUTLER, 2003, 2004, 2007; PRECIADO, 2014), allowing unveil social processes from a non-essentialist perspective of identities. The methodology used was qualitative research taking into account social, cultural and linguistic facts. We consider that language is a cultural phenomenon whose social dynamics determine the creation, permanence and extinction of a linguistic form. The attack or laughter, produced by the estrangement denoted by those who demonstrated repulsion or disdain towards the use of this disruptive language, is not merely a linguistic issue, a supposed protection of the language, but above all the non-acceptance of a grammar social, diverse and fluid. The expressions used to refer to people who disagree with dichotomous gendering cause phobia because they include a contingent of people who have been historically silenced and marginalized in different social fields, in which binarism operates as being natural and unquestionable. Our journey in this article is to bring the result of attentive listening to the experiences of non-binary language users for a better understanding of the phenomenon in the light of a critical-reflexive thinking of an epistemology of the skin.

KEYWORDS: Non-binary language. Gender disruption. LGBTQIAP+phobia.

1 AS ARENAS DISCURSIVAS E OS TENSIONAMENTOS DA LINGUAGEM NÃO-BINÁRIA

Há formas linguísticas que não demarcam de modo binário o masculino e o feminino, como é o caso de vocábulos como “pessoa”, “gente”, “estudante”, porém há também outras palavras mais disruptivas como “todes” e “amigues”. Percebemos vários vocábulos registrados pela associação portuguesa de jovens LGBTQIAP+ (BLACKLESS, 2000), nas falas das personagens não-binárias da série da HBO *Todxs Nós* e no seu *Guia de comunicação inclusiva* (DIVERSITY BBOX, 2020). Encontramos exemplos dessas e de outras neolinguagens em textos escritos e multimodais de congressos, seminários, redes sociais, livros, e-mails e em muitos outros contextos sociais.

Durante a nossa investigação identificamos várias postagens no Instagram e guias de uso de expressões inclusivas, utilizadas para se referir a corpos dissidentes. Orienta-se, por exemplo, que se pergunte à pessoa que não conhecemos qual o seu gênero ou com qual pronome prefere ser chamada em uma atitude de respeito à sua subjetividade. Por outro lado, verificamos também movimentos crescentes, com tentativas de barrar a discussão sobre o uso da linguagem não-binária e até de proibi-la em escolas e nos documentos oficiais de esfera pública.

Havia a necessidade de questionar a reação de ataque à utilização dessas linguagens. Evidenciamos essa reação não à linguagem em si, do ponto de vista gramatical, em atuações puristas de aparente proteção da língua, mas contra as pessoas às quais ela se refere.

Nosso objetivo foi a análise do uso das linguagens disruptivas das propostas políticas de linguagem não-binária (FIORIN, 2020) do *Manifesto ILE para uma comunicação inclusiva*, criado por Andrea Zanella, Psicóloga, e Pri Bertucci, CEO da [DIVERSITY BBOX] e do *Guia ELU* criado por Ophelia Cassiano, ativista, não-binária e escritora.

A metodologia escolhida foi a pesquisa qualitativa, cujo o foco é o estudo de microprocessos de comunicação, por meio de observações das ações sociais, individuais e grupais daquelas pessoas que usavam a linguagem não-binária. Respondendo a um questionário com seis perguntas, dez usuárias dessa linguagem puderam compartilhar suas experiências na utilização dessas propostas e de outras e o que esse uso provocava nas pessoas. Criamos questões abertas baseadas em categorias qualitativas para maior aproximação da linguagem-em-uso em seus contextos sociais, livres de controles prévios.

Nosso percurso neste artigo vai desde o questionamento sobre a criação e naturalização dos binarismos de gênero, passando pelos motivos da escolha de uma metodologia baseada no pensamento decolonial, rechaçando a lógica cartesiana, eurocentrada, racializada e generificada que apaga o que pensam as pessoas que participam da pesquisa, transformando-as apenas em dados, mas desrespeitando suas subjetividades. Trazemos suas vozes sobre o uso da língua não-binária e os resultados apurados dessa ouvida atenta e afetiva. Por fim, trouxemos mais reflexões e questionamentos para que possamos compreender o fenômeno a luz de um pensamento crítico-reflexivo.

2 A GRAMATICA SOCIAL É APENAS BINÁRIA?

As identidades de gênero são constituídas na/pela linguagem, resultantes de um discurso repetido corriqueiramente, no qual a generificação será acompanhada por enunciados tributários ao ato generificador fundacional, se for “uma menina” ela será moldada para “não dizer palavras de baixo calão”, “cruzar suas pernas ao sentar”, “não deve desejar praticar esportes agressivos”, “usar rosa”, “aprender a exercer o cuidado, inclusive na escolha de sua profissão”, “ser delicada e dócil” etc.. Já se for “um menino” ouvirá um “não chore”, “seja forte”, “fale grosso”, “seja líder”, “seja o provedor da casa” etc. São, em todo caso, atos de fala que visam conformar os corpos às normas de coerência entre sexo, gênero e subjetividade.

Estudos que surgem sobre o gênero gramatical na transposição das fronteiras do gênero social discutem o papel da linguagem na disruptão dessa matriz de inteligibilidade cultural, advinda das reflexões da filosofia da linguagem, na perspectiva do pensamento da filósofa judia e estadunidense, Judith Butler. Acreditamos que a língua em si não é sexista, opressora ou excluente, mas parte da sociedade é. E na trilha desse binarismo hierarquizante, o uso não inclusivo da linguagem opera como reforço a um paradigma cultural que é produtor de desigualdades, exclusões e silenciamentos.

Evidências de mudança em várias comunidades de fala, de construções sintáticas empregadas para evitar o masculino genérico e a alteração da morfologia de muitas palavras como movimento político questionador e disruptivo é também a linguagem não-binária. Na perspectiva de Butler (2003) é que buscamos analisar como os discursos, organizados historicamente e materializados nos atos de fala, em performances corporais e linguísticas, são construídos pelos usuários em um movimento de (re)xistência.

A linguagem é uma tecnologia de produção de subjetividades (Preciado, 2014), criando condições de (in)visibilidade e reflexão. Deve-se deixar de lado a visão de linguagem como um simples instrumento para representar uma realidade existente a priori. Ela constitui o real. Para Austin (1958 apud Ottoni 2002), a linguagem cria sentidos e cada enunciado realizado pelos sujeitos falantes é dotado de uma intencionalidade, consciente ou inconsciente, que visa agir sobre o outro ou sobre o mundo. Entende-se, assim, a comunicação não como um jogo de troca de mensagens entre um emissor e um receptor, mas, sim, como uma situação de interação entre pessoas e de que forma os efeitos de sentidos advindos desses encontros as afetam.

3 COMO ACONTECEU A INVESTIGAÇÃO?

A pesquisa foi caracterizada como qualitativa, buscando a interpretação dos dados levando em consideração os fatos sociais, culturais e linguísticos. O processo e seu significado foram os focos principais de abordagem. A amostra foi intencional: as pessoas escolhidas para a análise representam aquelas que poderiam discursar sobre o tema da linguagem não-binária, pois a utilizavam em seu cotidiano.

O que todas as pessoas pesquisadas tinham em comum era que suas próprias existências já eram uma disruptão da Matriz de heteronormatividade¹. Elas foram escolhidas porque expressavam suas ideias nas redes sociais, em contextos pessoais e profissionais, utilizando a linguagem não-binária.

¹ Heteronormatividade é o conceito usado para classificar a marginalização, perseguição, repressão e conformação por práticas sociais, crenças ou políticas que se referem especificamente à sexualidade e ao gênero dos indivíduos, tratando a heterossexualidade como uma prática intrínseca e natural ao ser humano. O termo foi criado em 1997 por Cathy J. Cohen.

Poderiam contribuir para a pesquisa quem já usava essa linguagem e lidava com as manifestações de respeito, violência ou desdém. E poderíamos apurar quais as motivações, contextos de uso e as ações e as reações das pessoas envolvidas na interação. Os gêneros foram informados pelas pessoas pesquisadas, como elas se identificavam e como responderam no questionário. A seguir um quadro resumo de alguns dados (Quadro 1) das pessoas pesquisadas.

Gênero	Idade	Escolaridade	Cor	Ocupação
Não-Binárie ²	25 anos	Ensino Superior Completo	Preta	Estudante
Não-binárie (agênero)	28 anos	Especialização e cursando o mestrado	Branca	Professorie
Masculino	34 anos	Pós-graduado	Branca	Empresário
Não-binárie (Pangênero)	25 anos	Ensino superior completo	Branca	Vendedore
Feminino	13 anos	Ensino fundamental	Parda	Estudante
Masculino	35 anos	Superior Completo	Pardo	Engenheiro
Trans não-binárie	24 anos	Mestranda	Não-branca	Estudante e corretor de textos
Masculino	50 anos	Superior completo	Branca	Publicitário
Não-binárie	31 anos	Pós-graduação (mestrando)	Branca	Professorie
Feminino	41 anos	Superior/mestrado	Preta	Educadora/escritora

Quadro 1: Dados das pessoas pesquisadas

Fonte: elaboração própria

Enviamos um link com um questionário Google Forms com seis questões para que a pessoa respondesse baseada em sua experiência, conforme o Quadro 2.

1. Você conhece alguma proposta de linguagem não-binária?

2. Você utiliza a linguagem não-binária?

3. Se sua resposta na questão 2 foi afirmativa, em que contextos sociais você a utiliza?

4. Você conhece as propostas de linguagem não binária do Manifesto ILE e do Guia ELU?

5. Se sua resposta na questão 4 foi afirmativa, qual a sua opinião sobre o seu uso?

6. Caso utilize alguma linguagem não-binária, qual a reação das pessoas ao utilizá-la?

Quadro 2: Questões da pesquisa

Fonte: elaboração própria

² Não-binárie: É um neologismo criado para designar pessoas que não se identificam com o binarismo de gênero. Pessoas com múltiplos gêneros, de uma vez só ou um de cada vez, mudando de tempos em tempos; pessoas que são não totalmente de algum gênero; pessoas que não possuem gênero, que se sentem à parte do conceito de gênero, ou que sentem que transcendem gênero; pessoas que não entendem gênero, que não entendem o próprio gênero, ou que não se importam com o próprio gênero; pessoas cujos gêneros são relacionados à masculinidade, à feminilidade, ou a ambos os gêneros binários, mas que não podem ser caracterizados adequadamente como homem ou como mulher; Entre outras possibilidades.

Foi explicada a proposta da pesquisa, inclusive o motivo da escolha das questões abertas e enviado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecimento para que a pessoa pudesse ler e, concordando com ele, devolvê-lo assinado. Na sequência responderiam o questionário no *link* do Google Forms³.

O cenário da pesquisa foi o uso da linguagem não-binária no cotidiano das pessoas pesquisadas. O foco foi qualificar as vivências delas, pelas suas próprias percepções, em ambientes livres de controles prévios. A análise e interpretação de dados foi baseada nos estudos da linguagem na perspectiva da Linguística Queer (Butler, 2003, 2004, 2007; Preciado, 2014) e da gramática pedagógica do português brasileiro (Bagno, 2012) no intuito de retrair caminhos teóricos, metodológicos e políticos.

A escolha desse tipo de abordagem ocorreu por, além de permitir desvelar processos sociais ainda pouco conhecidos, referentes a grupos particulares, propiciar a criação de novas abordagens, e a revisão e a criação de novos conceitos e categorias durante a investigação, trazendo gênero e sexualidade para o centro dos debates sobre a língua e seu uso.

A ideia era desconstruir rótulos, pois considerou-se que a língua é um fenômeno social e histórico que opera na constituição de normas. A linguagem constitui a vida. Ela não representa o mundo, mas o produz (Preciado, 2014). Nada é pré-discursivo, estando a função da língua não como representativa ou descritiva, mas produtora de sentidos, de subjetividades⁴ (Melo, 2020).

Nesta perspectiva, tivemos o cuidado de não cair em novos binarismos, um deles seria da investigadora como detentora do saber e a objetificação das participantes da pesquisa e de suas vivências. Por isso, buscamos conhecer o fenômeno pesquisado de forma a dialogar com as pessoas e não sobre as pessoas que usam a linguagem não-binária. As etapas da análise do questionário da pesquisa foram: pré-exploração do material, seleção das unidades de análise, categorização, tratamento e interpretação.

Considerando a função social da linguagem não-binária e a teoria performativa de gênero de Judith Butler, abordagem inovadora que questiona as noções tradicionais de identidade de gênero, fizemos a exploração do material investigado, observando as implicações de uma perspectiva pós-identitária para os estudos da linguagem. Já na elaboração das questões esse olhar não violento foi praticado, elaborando-se perguntas abertas para inserção de respostas transgressoras.

4 O QUE DIZEM AS PESSOAS QUE USAM A LINGUAGEM NÃO-BINÁRIA?

Os resultados da pesquisa apontaram que as pessoas pesquisadas conheciam e usavam alguma linguagem não-binária, inclusive algumas construções das propostas políticas de linguagem não-binária do *Manifesto ILE (DIVERSITY BBOX, 2015)* para uma comunicação radicalmente inclusiva e do *Guia ELU* (Cassiano, 2010). E até teceram críticas e sugestões de uso, pois já refletiram sobre isso. Todas utilizavam alguma linguagem não-binária em relações pessoais e profissionais e só uma utilizava em e-mail corporativo. Uma das pessoas que participaram da pesquisa relatou que:

Tanto o Manifesto quanto o guia servem de encaminhamentos para o uso da linguagem não-binária ou disruptiva, mas propõem tais mecanismos como pertencentes à linguagem neutra ou inclusiva, termos em relação aos quais tenho ressalvas. A língua(gem), em instância alguma, é neutra. Sua neutralidade é pretendida por algumas esferas, como as midiáticas, mas acaba por ser utópica, pois é sempre argumentativa e visa a convencer o Outro de um determinado ponto de vista. Um segundo ponto relevante diz respeito ao fato de que a linguagem não-binária é inclusiva para algumas pessoas, mas dizer-se inclusiva evoca uma responsabilidade e uma agentividade a qual ela não se propõe. O Manifesto e o Guia são interessantes, mas precisam de uma atualização e de discussões, inclusive pelo tempo desde que foram produzidos, a fim de ter maior entendimento em termos de língua(gem).

³ O Link do questionário foi excluído após conclusão da pesquisa e análise dos resultados.

⁴ “A função da língua não deve ser vista apenas como representativa ou descritiva, mas produtora de sentidos, de subjetividades.” (Melo, 2020).

Uma usuária da linguagem não-binária teceu essa resposta: “São propostas interessantes, como outras propostas que existem. Não propostas prescritivas, mas apresentação de possibilidades”. Ambas respostas dialogam com a visão da outra participante e com a visão da maioria das participantes: usos como sugestão e não obrigação, expressões e vocábulos propostos para inclusão das pessoas marginalizadas e excluídas na sociedade, inclusive essa outra participante acredita ser “[...] necessária ampla campanha de esclarecimento para a população em geral, em linguagem acessível”.

Percebi, pela análise das respostas, que o objetivo das propostas de uso da linguagem não-binária é de respeito à pessoa não-binária, à sua existência e à sua subjetividade. Nas diversas vozes, as pessoas pesquisadas relataram que a usam com pessoas não-binárias e também para quebrar o uso do masculino genérico. O intuito é o respeito àquelas que destoam da matriz de inteligibilidade cultural hegemônica, indo além do questionamento do binarismo e suas sedimentadas hierarquias dos pares dicotômicos, sempre com o masculino como o universal e o feminino como o outro, desvelando essa violência simbólica e trazendo para o debate a existência de um continuum com diversas possibilidades de gêneros que existem, mas são apagadas.

Como os neopronomes também apareceram nas respostas da pesquisa como muitos usados para designar gênero não-binário no nosso português, tratando-se de uma variação dos pronomes que indicam terceira pessoa, como “ele”, sendo substituídas por formas disruptivas como “ILU” e “ELU”, por exemplo, observou-se o uso consciente e político da linguagem não-binária não como algo imposto ou forçado, mas adequado às demandas comunicativas das pessoas usuárias e daquelas com as quais mantêm relações pessoais e profissionais, de modo a respeitar o modo como elas desejam ser chamadas.

Pelo foco analítico e político baseado nas teorias queer, não partimos da identidade como ponto inicial de investigação, mas da constituição histórico-discursiva das normas que geraram/geram e limitam as experiências identitárias e pós-identitárias que utilizam a linguagem não-binária como expressão de (r)existência.

A utilização da linguagem não-binária nos contextos elencados pelas pessoas que participaram da pesquisa e as reações causadas perfazem propostas que visam desfazer as normas de inteligibilidade hegemônica e binária e, assim, promover um alargamento dos esquemas sociais e culturais. Um exemplo é a seguinte explicação-resposta:

Faço uso da linguagem não-binária tanto em contextos formais quanto informais. Em foro particular, em especial com uma de minhas amigas, utilizo formas como “amiga”, “bonitoa”, “monoa”, que também são não-binárias por não ocupar apenas o polo masculino ou feminino. Uso linguagem não-binária quando vou me apresentar e cumprimento o público da seguinte maneira: “bom dia a todas, todos e todos”. A ordem é proposital, pois desloca o masculino da primeira, ou única, opção e acrescenta formas outras antes dele.

Nas respostas em relação às reações ao uso das linguagens mais disruptivas, empregar a linguagem não-binária traz para o centro da discussão algum incômodo fora dos grupos que se identificam com ela, o que se dá nas interações, em práticas sociais reais. A palavra estranhamento aparece três vezes e outros vocábulos de incômodo ou de reação que remete à aversão como na resposta: “As pessoas reagem com grande resistência, preconceito, desprezo”. Ou na partilha dessa usuária: “Varia bastante. Já tive reações de acolhida, já tive reações de aparente acolhida, mas relevante repulsa, já tive contestações da viabilidade do uso”.

Analizando as respostas, foi possível constatar que as reações de estranhamento ou preconceito se dá por desconhecimento dos objetivos pelos quais as linguagens não-binárias foram propostas. E fora dos contextos sociais das comunidades LGBTQIAP+ ou feministas, essa ocorrência é ainda maior. A reação fóbica é importante de ser identificada, pois, através dos estranhamentos, da repulsa, do ataque e do desdém, pode-se perceber tais posicionamentos. Essas reações nos fazem refletir sobre o papel dessas linguagens.

5 LINGUAGEM NÃO-BINÁRIA, PARA QUE TE QUERO?

As línguas são vivas e mudam dentro de jogos de poder e dominação em dado momento histórico, dado quadro cultural e em cada sociedade. As vivências que não se enquadram nas normativas sociais hegemônicas estão presentes na sociedade contemporânea, coexistindo e sendo atravessadas por discursos de exclusão e preconceito.

Quando falamos em linguagem, não nos remetemos unicamente ao discurso, senão também ao contexto tecnológico que o corpo humano representa enquanto linguagem, suporte de representações sociais. Na perspectiva das teorias queer, observa-se que a linguagem não-binária opera através de ressignificações (Preciado, 2014) de categorias, de práticas culturais e de modos como são usados objetos ou tecnologias para a produção, tanto de subjetividades, como de desejos, de gênero, de sexos, de identidades ou de sexualidades em negociações através da linguagem-em-uso numa epistemologia da pele.

A linguagem não-binária é uma tentativa de disruptão do CISTEMA heteronormativo compulsório binário. Vai além de uma representação da existência das pessoas não-binárias. Utilizá-la marca uma postura política no mundo: de crítica ao binarismo que opõe, silencia, mata. E não só pela violência simbólica, mas sobretudo pelas violências psicológica e física.

As contribuições que a pesquisa traz ao entendimento da realidade se dão através de uma visão não dicotômica, trata-se de uma reflexão sobre as premissas para a manutenção dos binarismos que cerceiam a constituição de singularidades e quais suas implicações:

A linguagem não-binária é um modo requintado de romper com a matriz de inteligibilidade hegemônica e naturalizada, em um movimento político, como sujeitos da linguagem, criando mecanismos de (r)existência em atmosfera genuína para todas as vidas, usando esta passabilidade linguística para a criação de uma nova gramática social de reconhecimento e novos modos de agir no mundo promovendo criatividade e respeito à diversidade. (Melo, 2020).

O medo é tão antigo quanto a vida. Mas qual o limite entre o medo, saudável, e a fobia? E pelo uso de alguma linguagem específica que está em uso e que o tempo dirá se permanecerá ou não circulando? Qual ameaça real seu uso traz? Quem tem medo da linguagem não-binária?

Essa reação de estranhamento é bastante recorrente, principalmente fora dos circuitos LGBTQIA+ e feminista. No sentido de sentimento de aversão a algo que não se conhece direito e causa repulsa, provocando o riso ou gerando ataque. Reações de desrespeito, discriminação ou preconceito, com, inclusive, proibição da utilização de tais marcas linguísticas.

Quais os motivos de tanto estranhamento em reações às propostas dos usos disruptivos da linguagem? Será que há alguma relação com o fato de abalar as estruturas cis-heteronormativas sedimentadas ou, pelo menos, suscitar a discussão sobre a matriz cultural naturalizada que é binária, hegemônica e hierarquizante, perpetuada pelas repetições dos atos de fala fundantes dessas dicotomias de gênero? Por que suscitam tanto ódio? Seria mais uma forma de LGBTQIAP+fobia, encoberta numa falsa preocupação de proteção purista da língua? Como isso afeta o controle dos corpos por grupos opressores que não querem ter seus privilégios questionados? Porque é tão natural dizer “bom dia a todos” e um “bom dia a todes” causa revolta e movimentos proibicionistas?

REFERÊNCIAS

ASTER, S. *Orientando. Um espaço de aprendizagem*. Disponível em: <https://orientando.org/listas/lista-de-generos/nao-binarie/>. Acesso em: 03 jun. 2024.

BAGNO, M. *Gramática pedagógica do português brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

BLACKLESS, M., CHARUVASTRA, A., DERRYCK, A., FAUSTO-STERLING, A., LAUZANNE, K. E LEE, E. How sexually dimorphic are we? Review and synthesis . Am. J. Hum. Biol., n. 12, p. 151-166, 2000. Disponível em: <https://doi.org/bttkh4>. Acesso em: 24 dez. 2024.

BUTLER, J. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”. In: LOURO, G. L. (org.). *Pedagogias da sexualidade*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. p. 151-172.

BUTLER, J. *Undoing gender*. Nova York: Routledge, 2004.

BUTLER, J. *Problemas de gênero*: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CASSIANO, O. *Guia ELU*. 2010.

FIORIN, J. *Discurso, estrutura e história. Conferência apresentada por José Luiz Fiorin [s.l., s.n.]*, 2020. 1 vídeo (1h 46min 01s). Publicado pelo canal da Associação Brasileira de Linguística. Disponível em: <https://youtu.be/GEoK4J61kOA>. Acesso em: 12 junho 2024.

DIVERTISYBBOX. Manifesto ILE para uma comunicação radicalmente inclusiva. Disponível em <https://diversitybbox.com/manifesto-ile-para-uma-comunicacao-radicalmente-inclusiva/>. Acesso em: 03 jun. 2024.

MELO, I. F. *Porque precisamos de uma linguagem não-binária*. In: CONFERÊNCIA SOBRE LINGUAGEM NÃO-BINÁRIA, 2021, Recife: NuQueer.

PRECIADO, P. B. *Manifesto Contrassetual*: práticas subversivas de identidade sexual. Tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: N-1 edições, 2014.

OTTONI, P. J. L. Austin e a visão performativa da linguagem. *Delta*, São Paulo, v. 18, p. 117-143, 2002.



Recebido em 27/08/2024. Aceito em 04/09/2024